

**“A EDUCAÇÃO QUE TEMOS E
A EDUCAÇÃO QUE QUEREMOS**

**DA EDUCAÇÃO BÁSICA
À PESQUISA ACADÊMICA”**



DIAS 28, 29 E 30 DE SETEMBRO

XV JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

O MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A CULTURA AMERÍNDIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE PESQUISA PEABIRU

Ana Flávia Fuerstenau

Universidade de Santa Cruz do Sul

Jaqueline Cezar Tavares Freire

Universidade de Santa Cruz do Sul

Theo de Lima Goes

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 1- Linguagem, Experiência Intercultural e Educação

É controverso pensar que um país indígena, previamente denominado Pindorama, é pensado hoje totalmente a partir de uma epistemologia científica ocidental. Para falar sobre a história dos povos originários brasileiros no ambiente escolar, a epistemologia ocidental tradicional se mostra muito limitada, e acaba por desvalorizar e negligenciar o conhecimento indígena. Como aponta Souza (2019), as concepções estereotipadas em relação aos povos indígenas não ficaram congeladas no período colonial - continuam vigentes e muito reproduzidas, fortalecidas por uma série de interesses, regidos principalmente pela economia.

A Lei 11.645/2008, promulgada em 10 de março de 2008 no Brasil, é uma importante política pública educacional produzida a partir dos movimentos de resistência dos povos indígenas, que visa à obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígenas brasileiras na Educação Básica. A Lei se encontra vigente há mais de 10 anos, e sua efetividade é uma importante contribuição para o reconhecimento e a valorização dos povos indígenas como sujeitos históricos (SOUZA, 2019). No entanto,

sua efetividade pode ser questionada: quais dessas questões são integradas aos currículos? E quando são, como se dá essa abordagem?

É importante romper com uma perspectiva do “índio” como algo estático, relegado ao passado, primitivo, e demais estereótipos calcados em imaginário escravocrata, patriarcal, colonizador e preconceituoso. Como lembra Boaventura de Sousa Santos (2010), essa perspectiva nos leva a um pensamento abissal moderno que se destaca pela capacidade de produzir e radicalizar distinções. No campo do conhecimento, por exemplo, o pensamento abissal concede o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso à ciência, em detrimento de outros conhecimentos e saberes, como os saberes tradicionais indígenas, seus modos de educação, a relação com a natureza, entre outros.

Em muitos momentos, ao longo de nossas vivências pessoais como didatas e discentes, e de nossa convivência no grupo de pesquisa Peabiru: Educação Ameríndia e Interculturalidade, é notória a escassez de informações que chegam até os professores da educação básica, muitas vezes por falta de incentivo e procura, mas também muitas vezes por não conhecerem a melhor abordagem, ou seja, por uma inabilidade em conduzir esse ensino, uma inexperiência com a realidade indígena. Percebeu-se que é extremamente necessário que sejam viabilizados cursos de formação para professores, não apenas com o objetivo de elucidar fatos e estatísticas, mas de trabalhar materiais didáticos produzidos com e por indígenas, valorando os ensinamentos e saberes ancestrais.

Justamente por esse motivo, o Peabiru vem atuando nesse sentido, em comunicação com escolas municipais, estaduais e particulares da região dos Vales de Rio Pardo e Taquari/RS. Vem havendo, nos últimos tempos, maior procura, tanto por parte das escolas como por parte de professores, pelos conhecimentos e métodos produzidos pelo grupo. O Peabiru é contatado com o convite de fazer-se presente nas escolas, em maioria de Educação Básica, para ensinar um pouco da história ameríndia de nossa região. Mais do que ensinar, o grupo se propõe a familiarizar, discutir, apresentar, interagir, tornar parte da realidade desses estudantes os conhecimentos e modos de viver ameríndios.

É no manejo da argila, na brincadeira, na contação de histórias, na utilização de jogos e documentários que o grupo Peabiru realiza sua práxis, possibilitando aos estudantes a inclusão da cultura dos povos ameríndios em seu processo de aprendizagem, incentivando a integração desses conhecimentos com seu cotidiano. A

forma como o grupo desenvolveu esta ponte foi tomando as narrativas ancestrais Kaingang como alicerce das suas atividades, destacando-se a narrativa cosmogônica de Kamé e Kanhru, narrada por Onório Moura, indígena Kaingang e também membro do Peabiru:

Segundo a narrativa ancestral Kaingang, deu-se em tempos célebres, um dilúvio que cobriu a terra inteira. Os irmãos Kaingang, Kanhru e Kamé, cada um com um luminoso tição entre os dentes, nadaram até uma montanha e abrigaram corpo, alma e espírito; suas almas foram habitar o interior da montanha. Os Kaingang e uns poucos Curutons atingiram com dificuldade o cume da montanha, onde permaneceram, uns no chão, outros nos ramos das árvores, porque não acharam mais lugar. Passaram alguns dias sem que as águas baixassem e sem alimento. Já esperavam a morte quando ouviram o canto de saracuras, as quais traziam cestinhos de terra, que deitavam nas águas. Os Kanhru e os Kamé, cujas almas moravam no interior da Serra, começaram a abrir caminhos, depois de muito trabalho e cansaço, uns puderam sair de um lado. Na abertura de onde saíram os Kanhru, teve sua nascente um belo arroio, e lá não havia pedras, por isso não tiveram muita dificuldade para sair, daí a origem de eles terem os pés pequenos. Já o caminho dos Kamé levava a um terreno de muito pedregulho, de modo que feriram os pés, que inchavam durante a marcha. Daí justifica-se terem os pés 21 compridos até os dias de hoje. No caminho que tinham aberto, não havia água; sofreram sede e viram-se obrigados a pedi-la aos Kanhru, que lhes concederam o necessário. A tradição dos Kaingang afirma que os primeiros da sua nação saíram do solo; por isso têm cor de terra. Eles saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos, Kanhru e Kamé. Cada um já trouxe consigo um grupo de gente. Dizem que Kanhru e toda a sua gente eram de corpo delgado, pés pequenos, ligeiros, tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, pelo contrário, eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. O Kamé é grande, forte, corajoso e resistente. À força, rompeu rocha e terra, exímio guerreiro, é o líder destemido do seu povo. O Kanhru é esbelto, maleável e delicado, embora mais voluntarioso, é o conselheiro inteligente, mentor e líder espiritual do seu povo. Foram os irmãos gêmeos que criaram todas as plantas, os animais e o povo Kaingang. Tudo o que existe, desde então, tem uma metade criadora Kamé, e também outra metade criadora, Kanhru, e cada metade tem poderes diferentes, mas também as regras de conduta para os homens, definindo as metades patrilineares, estabelecendo a forma como deveriam se relacionar entre os mundos e o cosmos, ambos complementares. O sol pertence à metade Kamé, dos Kaingang que trabalharam para fazer e criar os animais do dia. A lua pertence à metade Kanhru, dos Kaingang que trabalharam para criar as criaturas da noite (MOURA, 2021, p. 20-21).

Como expõe Onório Moura (2021), para o povo indígena Kaingang, a mitologia é fundamental para a sua existência, pois é ela que orienta e sistematiza toda a organização social, de tudo o que existe neste mundo - material e imaterial - e no cosmos (MOURA, 2021). Essa narrativa possui cunho educativo e mostra, de antemão, que há possibilidades de relacionar práticas pedagógicas e a literatura indígena dentro das especificidades dos contextos escolares, proporcionando também reflexões e questionamentos. A narrativa cosmogônica mitológica proporciona bases que sustentam

questões muitas vezes delicadas e/ou negligenciadas, e possuem a preciosidade de educar para a vida. São pedagogias que extrapolam uma noção conteudista, que preparam para uma internalização, “conhecer-se a si mesmo”, entender as próprias emoções.

A partir dessa perspectiva, compreender a vivência em uma categoria epistemológica empodera um outro modo de fazer pesquisa e educar, evoca questões relacionadas ao sensível e as valida. O trabalho com a escola é um diálogo que se constrói entre saberes indígenas e o sensível, no qual as imagens que emergem a partir da narrativa ancestral ajudam as pessoas a interiorizar, e assim a acessarem sua ancestralidade, reconectando-se com ela, com o mundo e com a vida. Antes de termos acesso a diversos conhecimentos conteudistas, é necessário autoconhecer-se, entender-se no mundo e se sentir pertencente a ele durante o longo aprendizado que é viver.

Em meio a essa jornada, nós, autores, tivemos a oportunidade de estar presentes em uma escola de educação infantil de Santa Cruz do Sul, para compartilhar a narrativa ancestral Kaingang sobre Kamé e Kanhrú. A prática se constituiu sobretudo *entre e com* os percursos construídos, na ideia de um estudo colaborativo e participativo. A pesquisa colaborativa se reatualiza e utiliza de diversos recursos. É uma prática profissional que considera o real, a vivência, e a troca entre elas, construindo o conhecimento entre ações. Assim, o estudo colaborativo faz circular o diálogo, entre métodos de conhecimento da escola, métodos ocidentais e métodos tradicionais indígenas, construindo novos conhecimentos, pautados sobretudo no pensamento indígena (BERGAMASCHI; FERREIRA, 2022).

Para trabalhar o conhecimento indígena através da narrativa Kaingang, expomos alguns objetos tradicionais indígenas como cestas, colares, animais entalhados na madeira e alguns livros da literatura indígena, todos de propriedade do Peabiru e adquiridos através de visitas e trabalhos colaborativos com aldeias indígenas. A escola havia preparado um espaço para os alunos sentarem, e em frente a eles dispuseram uma mesa, um projetor de imagens e uma caixa de som para nosso uso. Aproveitamos os recursos disponíveis para compartilhar músicas e imagens indígenas. A atividade durou em torno de uma hora e trinta minutos, dividida em aproximadamente vinte minutos com cada uma das três turmas que participaram. Os alunos tinham em média 3 anos de idade, e vieram acompanhados das professoras responsáveis.

Quanto à apresentação da narrativa de Kamé e Kanhru, um de nós ficou responsável pela narração do mito, enquanto as outras duas pessoas representaram o sol e a lua, utilizando máscaras personalizadas produzidas para essa atividade. Devido à idade dos alunos que nos assistiam, a narração foi feita de forma muito lúdica, gerando interação entre nós e as crianças, e também de forma resumida. A história capturou a atenção de nosso público, que se envolveu com a narrativa e com os objetos expostos. Ao fim da encenação, interagimos com as crianças, perguntando quem gostaria de brincar de ser Kamé ou Kanhru, ao que prontamente respondiam, escolhendo seu símbolo de preferência: os Kamé recebiam uma linha reta no dorso da mão, e os Kanhru recebiam um círculo. Para a pintura, utilizamos o urucum, fruto de uso comum por alguns povos indígenas, devido à alta coloração, de tom avermelhado, que produz. Notamos que as crianças recebiam a pintura com curiosidade e atenção.

Após este momento, deixamos os alunos livres para explorarem o ambiente e os objetos ali dispostos, e assim o faziam deliberadamente. As professoras orientavam o cuidado com o material e a organização do espaço, mas as crianças agiam com efervescência, as mãos denunciando adiver e singelo interesse por aquelas formas talvez desconhecidas. A atitude do grupo foi também de abertura, permitindo a experiência completa por si só, sabendo que esse momento é importante, mesmo que o aspecto caótico assuste. Foi assim, afinal, que realizamos essa atividade, satisfeitos e bem sucedidos em nossa missão de auxiliar a educação brasileira no processo de reconhecimento e valorização da cultura indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade; Educação ameríndia; Mitologia Kaingang.

REFERÊNCIAS

MOURA, Onório Isaías de. *Mitologia Kaingang: a oposição e a complementaridade como um processo de educação intercultural e humanização*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021. 106p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11624/3140>> Acesso em 28 ago. 2023.

SOUZA, Fátima Rosane Silveira. *A lei n. 11.645/2008 e a experiência formativa de professores na escola - imagens alquímicas da história e da cultura indígena para Unus Mundus*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019. 189p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11624/2669>> Acesso em 28 ago. 2023.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; FERREIRA, Bruno. Ações Colaborativas: rodas de conversas na pesquisa em educação. *Boletín Educar em la Diversidad*, n.6, p. 40-49,

fev. 2022. Disponível em: <https://www.clacso.org/boletin-6-educar-en-la-diversidad/>.
Acesso em: 26 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*, São Paulo: Cortez, 2010.